



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**VIAGENS FEMININAS EM GRUPO COMO POSSIBILIDADES PARA A
RETOMADA DO TURISMO NO PÓS-COVID 19**

Relatório Final Período: de setembro de 2021 a agosto de 2022

Este projeto é desenvolvido sem bolsa e na condição de projeto independente

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Objetivos
3. Metodologia
4. Resultados e discussões
5. Conclusões
6. Perspectivas de futuros trabalhos
7. Referências bibliográficas
8. Outras atividades

1 INTRODUÇÃO

Com o aparecimento do vírus SARS-CoV-2 em dezembro de 2019, que de imediato se espalhou por todo o mundo, a população mundial passou por momentos de transformações difíceis e traumáticas. Aparecem os *lockdowns* e com eles, em meio ao desespero de não saber o que fazer diante de um vírus invisível e mortal, vários setores da sociedade foram afetados passando a manter em funcionamento, apenas aqueles que são de prestação de serviços essenciais. Assim, o setor de turismo sofreu significativamente, tendo em vista que apenas existe porque as pessoas se deslocam. Com fronteiras e aeroportos fechados ao turismo, a cadeia produtiva praticamente foi paralisada, empregos precisaram ser salvos por meio de decretos emergenciais aqui no Brasil e, na medida em que protocolos sanitários foram definidos e implementados, no caso do turismo por meio do Selo Turismo Responsável¹ e, posteriormente, com o início gradual da vacinação, o setor aos poucos foi sendo retomado.

Algumas tendências iniciais desta retomada, apontaram para: a proeminência do turismo via modal rodoviário, especialmente em automóvel próprio ou alugado; deslocamentos de alcance regional; busca por espaços naturais; valorização das experiências locais, ou seja, na própria cidade e cidades do entorno, conhecido como *staycation*; turismo em comunidades; entre outras. Porém, entendemos que focar em novos segmentos turísticos considerando a demanda, é uma estratégia que não pode ser deixada de lado e as viagens femininas são uma possibilidade concreta, que se fortalece ano após ano sem que o mercado turístico esteja prestando a devida atenção às suas demandas e expectativas.

Dessa forma, apresentamos um relato sobre noções de gênero, sobre o movimento feminista, sobre as viagens femininas e, em especial, sobre a Covid-19 no turismo e as novas tendências nessa área. Para tanto é apresentado um aporte teórico para sustentação do proposto e que garante o desenvolvimento do estudo que foi feito a partir do levantamento de comunidades de mulheres viajantes na plataforma *Facebook*, que responderam de forma *online*

¹ Deve-se frisar que o Programa Turismo Responsável visou estabelecer boas práticas de higienização para cada setor e certificava cada estabelecimento ou guia de turismo com um selo, na medida em que estes protocolos iam sendo incorporados. Porém apresentou algumas fragilidades e, entre elas, está a insuficiência ou ausência de fiscalização, ficando a cargo dos empresários e guias de turismo atestarem que acolheram as recomendações propostas. Os setores contemplados foram os de meios de hospedagem, agências de turismo, transportadoras turísticas, organizadoras de eventos, parques temáticos, acampamentos turísticos, restaurantes, bares, cafeterias e similares, centros de convenções, feiras e similares, parques aquáticos e outros empreendimentos de lazer, locadoras de veículos, guias de turismo e casas de espetáculos (BRASIL,

a um questionário que serve de apoio para delinear o perfil e o comportamento da mulher que viaja em grupo.

Assim, acreditamos que essa retomada do turismo pode ocorrer a partir da análise conjunta de vários fatores, inclusive da disposição das mulheres de continuarem fazendo as viagens em grupo por se sentirem mais seguras e protegidas.

2 OBJETIVOS

Investigar, sob a perspectiva das viajantes femininas que viajam em grupo, as causas, aspectos, características que moldam e estruturam de maneira crescente tais viagens no Brasil e no exterior, de modo que seja possível apontar caminhos para uma melhor orientação da retomada do setor turístico no pós Covid-19, especialmente em Sergipe.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa “examina evidências baseadas em dados verbais e visuais para entender um fenômeno em profundidade. Portanto, seus resultados surgem de dados empíricos, coletados de forma sistemática” (ACADÊMICA PESQUISA, 2021, s.p).

A princípio foi feita uma pesquisa bibliográfica em livros e periódicos CAPES, OASIS e RIUFS sobre gênero e turismo, viagens, mulheres viajantes, movimentos feministas e os impactos pós COVID-19 no turismo.

Em seguida, a coleta de dados primária teve início utilizando a etnografia virtual ou netnografia, A netnografia “utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet” (SILVA, 2015, p. 339). Ela costuma ser adotada para estudos de “fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc”(IDEM). Neste sentido, foi feito um levantamento de comunidades de mulheres viajantes no *Facebook*, totalizando 13 comunidades, e uma primeira triagem focando naquelas comunidades específicas de mulheres que viajam em grupos de mulheres. De imediato, foi solicitado às administradoras, o ingresso nas suas respectivas comunidades a partir de outubro de 2021, momento em que foi possível iniciar o monitoramento dos diálogos, das informações mais pedidas e o compartilhamento das experiências de viagens.

Os critérios utilizados para a seleção final das comunidades a serem pesquisadas em profundidade, por meio do compartilhamento do *link* com o questionário acompanhado do

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram o número de integrantes na comunidade, frequência de publicações e o nível de interação entre as participantes. Com base nestes critérios, as comunidades selecionadas foram:

1. Mulheres Viajantes pelo Nordeste
2. Mulheres Viajantes – *Woman Trip*
3. Mulheres que amam viajar – troca de hospedagem

Antes do questionário ser disponibilizado nas comunidades selecionadas foi feito um pré-teste a fim de tornar as perguntas inteligíveis e de modo a fornecer dados necessários e relevantes para a pesquisa. Depois da análise dessas respostas preliminares, o questionário definitivo foi estruturado na plataforma *Google Forms*, com perguntas objetivas e subjetivas, disponibilizado nas comunidades selecionadas no período de 27/05/2022 até 11/07/2022, mediante solicitação prévia e formal às administradoras das comunidades. Este *link* foi sendo reapresentado semanalmente, em dias e horários em que a interação entre as participantes se mostrava mais evidente. Obtivemos o total de 13 respostas para análise dos dados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Viagem é um substantivo feminino com muitos e variados significados. Segundo o *Dicionário Online de Português*, é a “ação de se deslocar de um lugar para outro, geralmente, percorrendo uma longa distância; jornada; [...] Deslocamento em que uma pessoa fica durante um tempo no local de destino para trabalho ou turismo [...]”. Certamente, você já viajou. Gostou ou não gostou? Há muitas possibilidades de respostas. E, se você for uma pessoa do gênero feminino, a experiência pode ser vista e analisada por muitos vieses. Esse artigo, como dito anteriormente, visa analisar essas viagens sobre a perspectiva da mulher que viaja em grupos de mulheres, observando como essas viagens podem ser afetadas por causa do gênero e pelas barreiras impostas às mulheres, e como essas viagens são planejadas. Finalmente, discutimos como essas viagens impactaram o turismo no período de retomada gradual do setor, já com os efeitos mais controlados da situação pandêmica.

A seguir, abordaremos os seguintes tópicos: (i) noções de gênero; (ii) movimento feminista; (iii) viagens femininas; e por fim, (iv) Covid-19 no processo de retomada gradual do turismo.

4.1 Noções de gênero

Atualmente, a noção de gênero torna-se cada vez mais discutida, porém o que falta ser mais trabalhado é que o gênero está altamente ligado a construções sociais e a comportamentos esperados para cada um dos gêneros. É notável como a noção de gênero está repleta do sentido de desigualdade entre eles. Está permeada pela interseccionalidade na medida em que diversos fatores como classes sociais, raças ou etnias, sexualidade resultaram no enquadramento do lugar das mulheres na sociedade ao longo dos séculos, bem como nas ações cotidianas mais simples.

Dessa forma, observamos, conforme Witing (1992) que não é só biológica como também histórica a opressão que as mulheres sentem. Nossas mentes e corpos são frutos de uma manipulação e a autora ainda sugere que essa manipulação nos faz sentirmos um “grupo natural”.

Nós fomos formadas em nossos corpos e em nossas mentes a corresponder, sob todos os aspectos, à ideia de natureza que foi determinada para nós. De tal forma distorcida, que nosso corpo deformado é o que chamam de ‘natural’, o que deve existir como tal diante da opressão. De tal forma distorcida, que no fim a opressão parece ser uma consequência dessa ‘natureza’ dentro de nós (uma natureza que é apenas uma ideia) (WITING, 1992, p. 83).

Destacamos que se nós, mulheres, permitirmos naturalizar o “natural”, nós naturalizamos também a história, a opressão e os fenômenos sociais. Por isso, quando a mulher toma controle do próprio corpo e da própria mente ela se distancia de uma definição de “mulher” que lhe é imposta. A luta deve ser para desnaturalizar práticas enraizadas histórica e socialmente.

O entendimento do que é gênero, segundo Saffioti (1999 e 2000) e Castro (2000) citado por Cisne e Gurgel (2008, p. 83), “nos permite identificar a construção social do ser homem e ser mulher na perspectiva de desnaturalização das identidades e das desigualdades entre os sexos, é, portanto, um elemento estruturante das relações sociais”. Então, podemos assegurar que o gênero se articula com outras relações: de classe, de raça/etnia que se estruturam e se consolidam de maneira complexa, e que se traduziram de diversas formas nas reivindicações gestadas dentro do movimento feminista.

4.2 Movimento Feminista

O feminismo como movimento social é anterior à luta de gêneros que mencionamos no tópico anterior, mas segundo Gurgel (2010) é um movimento que desde a França em sua primeira expressão em 1789, reafirma-se como movimento social que tem como objetivo desenvolver ações que rompam estruturas simbólicas que perpetuam desigualdades sociais e estruturam os pilares da dominação de uma sociedade patriarcal que sobrevive até nossos dias. O Movimento Feminista procura identificar elementos que tornem a luta das mulheres um processo de transformação que altere positivamente as relações sociais como um todo.

Dessa forma, a primeira grande luta das mulheres ocorreu na época da Revolução Francesa onde elas faziam “reivindicação pelos direitos políticos” (GURGEL, 2010, p. 1). Segundo a autora, existe registro da luta das mulheres pelo direito ao alistamento na carreira militar e para ter acesso a armas, na defesa da revolução. Eram as mulheres se mostrando como sujeitos políticos, naquilo que ainda era uma “competência” reservada apenas para os homens.

Desde então, as mulheres tiveram contribuições significativas de resistência ao poder dominante e uma “necessidade de se organizar a diferença de maneira igualitária, sendo necessária, portanto, uma relação política de igualdade. É neste processo de autodesignação que se expressa a diversidade de sujeitos que constituem a práxis histórica do feminismo” (GURGEL, 2010, p. 2).

Outro grande momento que provoca alterações de ordem econômica, social e política e repercute na vida das mulheres, é a consolidação do capitalismo e o surgimento da industrialização. Mas até nesse momento a luta por direitos políticos e civis são reivindicados porque não haviam sido consolidados de fato. Lutas constantes que ainda são atuais em vários lugares do mundo, pois a conquista dos direitos significa o combate a uma estrutura patriarcal, entrelaçada na dimensão religiosa, política, social e cultural, tornando este movimento de luta singular para cada realidade e em cada contexto, mas fortalecido em rede e favorecido pelas tecnologias de informação e comunicação.

Assim, o Movimento Feminista tem assumido temas que mostram a heterogeneidade da classe trabalhadora e tem assumido campos diversos de subjetividades. Mas, para Gurgel (2010, p. 5)

a resistência política à luta específica das mulheres, desafiou e continua a desafiar as organizações de feministas no interior dos partidos de esquerda, na construção do programa estratégico, a compreensão de que assim como a classe, o gênero e a raça/etnia compõem a ontologia do ser social. É pertinente

dizer que essas dimensões do ser são apropriadas pelo sistema de classe, para perpetuar o processo de acumulação, mediante a exploração da classe trabalhadora, em todas as esferas da vida social, em particular na esfera do trabalho condição primária do lucro para o capital.

Portanto, o que observamos é que a luta continua e que são muitas as temáticas que ainda necessitam de transformações que alterem de forma positiva as relações sociais que envolvam as mulheres.

E, se tomarmos a concepção de “coletivo total” de Gurgel (2004) citado por Cisne e Gurgel (2008, p. 91) vamos ver que um dos desafios do Movimento Feminista é a definição de estratégias que atuem em favor da emancipação humana, pois sem essa emancipação não teremos liberdade.

Observamos, ainda, que a partir dessas bases do feminismo, surgem “a agenda de gênero que muitas vezes se desenvolve mediante ações governamentais e focalizadas, conforme o receituário neoliberal (CISNE e GURGEL, 2008, p. 93). Portanto, as mulheres são levadas a reivindicar permanentemente por políticas públicas que busquem equiparar os direitos, diminuir as injustiças e ampliar as relações de sociabilidade, “pautadas na igualdade que não suprime a diferença, mas permite a sua expressão livre de opressões” (CISNE e GURGEL, 2008, p. 94). As viagens femininas, como uma interface nesta busca pela liberdade de ir e vir livre de opressões e julgamentos, anseia por políticas cada vez mais focadas em segurança nos espaços turísticos e na forma como os serviços devem ser prestados.

4.3 Viagens femininas

As mulheres na sociedade patriarcal são consideradas mais vulneráveis. Elas sofrem ameaças, diferentes tipos de violências, desigualdades em relação a sexualidade, raças, crenças e classes, isso ocorre globalmente.

Entretanto, “cada vez se ouve falar mais da mulher que viaja e que conhece outros países, sendo em maior número as que o fazem, de forma individual ou acompanhadas” (MARZUKI et al., 2012; MCNAMARA & PRIDEAUX, 2010; WILSON & LITTLE, 2005 apud SANTOS, 2017, p. 12). No entanto, a mulher que viaja sozinha é considerada aventureira, corajosa e confiante, e na maioria dos casos, independente financeiramente, com disponibilidade para planejar as suas viagens.

Já para Chiang & Jogaratnam (2006) e Marzuki et al., (2012) citados por Santos (2017, p. 19), “a imagem da mulher moderna está associada a uma mulher independente, que tem uma maior capacidade econômica por não ter família constituída e por começar a ter acesso a

melhores empregos, com remunerações mais altas”. Embora as mulheres estejam mais independentes, existem ainda obstáculos e situações que as fazem se sentir desprotegidas e inseguras. Situações como diferenças culturais, assédios, importunações.

Quem são as mulheres que viajam em grupo? Assim, como as mulheres que viajam sozinhas, as mulheres que viajam em grupo têm, também, independência financeira, são arrojadas, corajosas e confiantes, porém, por inúmeros fatores externos, essas mulheres decidiram ou foram instigadas a escolher a opção de viajar em grupos de mulheres.

E, “apesar de este fenômeno ser cada vez mais frequente, ainda há quem não apoie a decisão das viajantes, considerando-as inconsequentes. Por isso, acabam por tentar convencê-las a não irem ou a arranjam companhia” (WILSON & LITTLE, 2005 apud SANTOS, 2017, p. 11).

Dessa forma, podemos inferir que uma das razões das mulheres viajarem em grupo pode estar associada às intromissões de terceiros (pais, familiares, esposos, amigos e até de outras mulheres) que, em geral, acabam por interferir na sua livre escolha, pois quando elas viajam sozinhas, eles as fazem se sentirem irresponsáveis ao pensar na viagem sozinha ou principalmente sem a companhia de um homem (SANTOS, 2017).

Por que as mulheres viajam em grupo? Ao optarem por viajar em grupo, mulheres buscam por confiança e uma rede de apoio, isso não as torna menos autossuficientes. Essa rede de apoio ajuda na socialização, no relaxamento e no enfrentamento de possíveis dificuldades.

As viagens em grupos de mulheres podem ser relacionadas diretamente com a sororidade. Segundo Pérez (2004 apud SOUZA, 2021, p. 20), “a palavra sororidade deriva-se da irmandade entre mulheres, o perceber-se como iguais que podem aliar-se, compartilhar e, sobretudo, transformar sua realidade devido ao fato de que todas, de diversas maneiras, temos experimentado a opressão”.

Ainda segundo Souza (2021, p. 21), “a participação de mulheres em grupos e redes de apoio colabora para que sejam agentes de libertação, ouvindo, apoiando e encorajando umas às outras para tomada de decisões e ações em favor da vida”.

Inferimos, assim, que tanto as viagens solo como as viagens em grupo são importantes e necessárias para muitas mulheres, e o que realmente mais importa, é que ela possa decidir no momento do seu planejamento de que forma ela pretende viajar: se só ou em grupo.

4.4 Covid-19 no turismo no processo de retomada gradual do setor

Em dezembro de 2019, o mundo tomou conhecimento do vírus SARS-CoV-2, que começou em Wuhan, na China, mas que rapidamente se espalhou por todo o planeta. A principal teoria sobre a origem do vírus é a que “o vírus passou do morcego para um mamífero intermediário, e dele para o ser humano. A transmissão de um morcego diretamente para um humano também foi apontada como uma hipótese possível e provável” (INSTITUTO BUTANTAN, 2020, s.p).

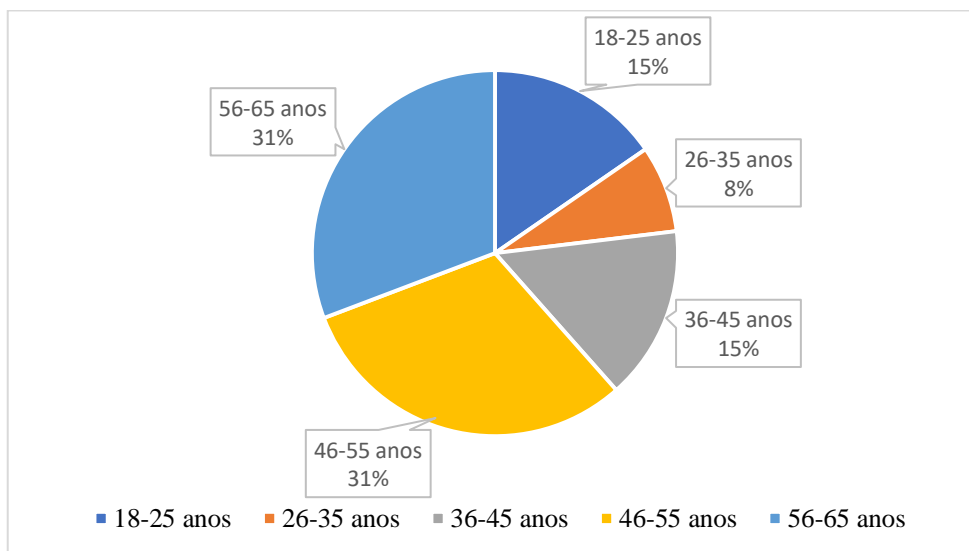
A pandemia do Covid-19 tornou-se uma das maiores dificuldades sanitárias do século 21. É um vírus que se tinha pouco conhecimento na área científica, mas constatou-se a sua alta velocidade de disseminação e mortandade. Os principais sintomas e os mais comuns são a febre, tosse, cansaço e a perda de olfato ou paladar. Mesmo com a vacinação em curso, uma vez que é um vírus mutável, exigiu muita atenção devido às variantes do vírus também chamadas de cepas. A melhor forma de prevenir o coronavírus, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), seria usando máscara, lavando as mãos e mantendo uma distância segura de pelo menos um metro, mas essas não são as únicas recomendações, o uso de álcool em gel, o ato de ficar em casa ao sentir alguns dos sintomas são os melhores métodos de prevenção.

No turismo, manter a distância em locais procurados por fluxos intensos de visitantes, é praticamente impossível. Na relação entre turismo e pandemia, as áreas mais afetadas foram as de meios de hospedagem, transportes, serviços de lazer e agenciamento de viagens. Daí a importância da vacinação para uma retomada segura do setor, especialmente para uma parcela significativa de pessoas que retomaram seus hábitos tradicionais de viagens, apesar da ainda vigente situação de emergência global decorrente da pandemia do Covid-19.

Um novo perfil de turista começa a se firmar que é aquele mais preocupado com as medidas de higiene e segurança. São os que buscam lugares onde possam se sentir bem e seguros. Aqueles que buscarem mais informações sobre os protocolos de segurança, provavelmente estarão mais focados em experiências mais personalizadas, que podem acontecer através de um contato mais próximo com a natureza, que pode favorecer segmentos como o ecoturismo, o turismo rural, o agroturismo, o turismo de esportes na natureza, entre outros. Mesmo nestes segmentos citados e que estão associados à oferta turística, colocamos em evidência o interesse das mulheres em praticar atividades ao ar livre, em buscar experiências que possibilitem maior desenvolvimento pessoal e emancipador, em buscar superar os próprios limites.

As informações coletadas no levantamento de dados nas comunidades de mulheres viajantes no *Facebook* se estruturam em algumas etapas. Primeiramente, buscamos entender o perfil sociodemográfico das participantes, depois como elas percebem a viagem em grupos de mulheres e, por fim, como planejam as suas viagens e o que levam em consideração. As análises seguem abaixo.

Gráfico 1 – Faixa Etária

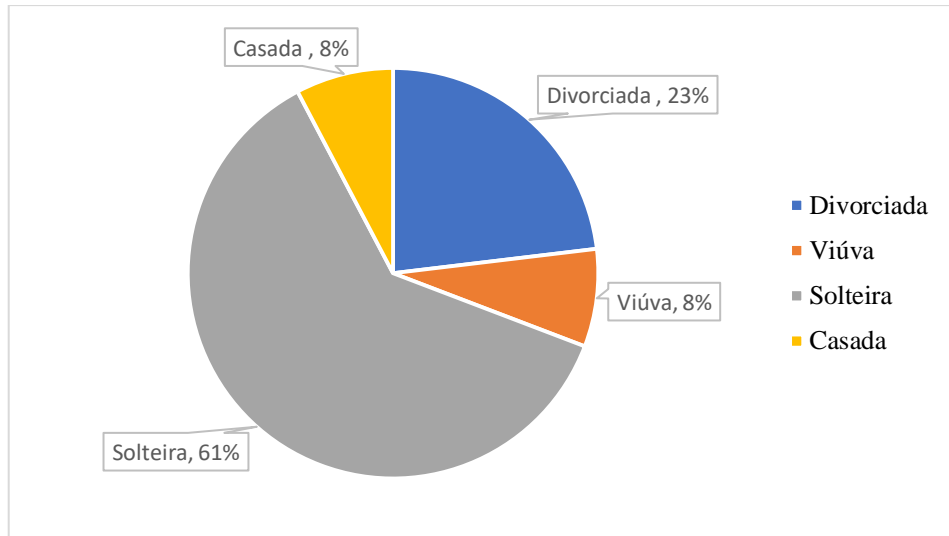


Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Assim, observamos no Gráfico 1, que a faixa etária das participantes desta pesquisa varia entre os 18 aos 65 anos. Podemos, ainda, notar que a faixa predominante é de mulheres entre os 46 a 55 anos e 56 anos a 65 anos, ambas com 31%, o que sugere que são mulheres que alcançaram uma estabilidade financeira.

O gráfico 2 abaixo, traz informações sobre o estado civil e, nele, mais da metade das participantes se declararam solteiras, representando 61% das respostas. Deduzimos a partir desses dados que mulheres solteiras não possuem amarras a relacionamentos, o que pode favorecer e acabar gerando uma independência e maior liberdade nas escolhas. 25% das entrevistadas são divorciadas, 8% casadas e 8% viúvas.

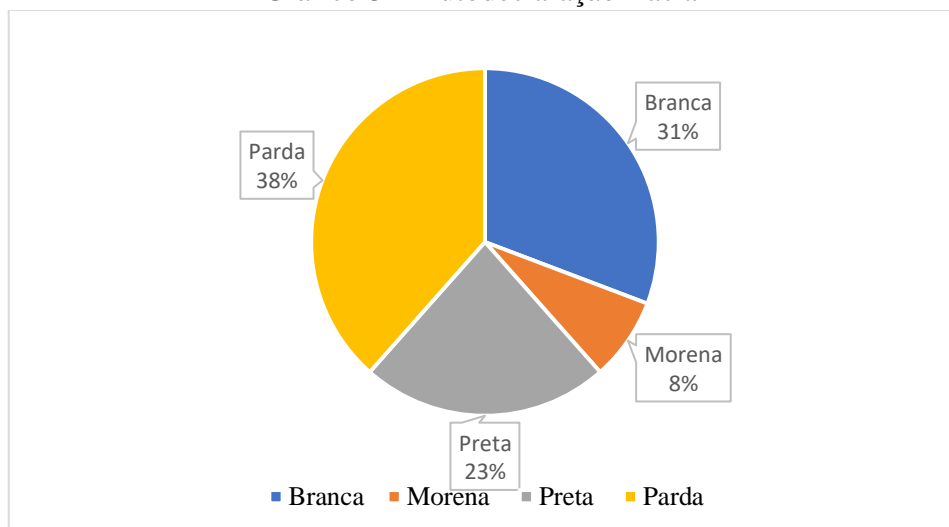
Gráfico 2 – Estado Civil



Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Em relação à autodeclaração racial, percebemos no Gráfico 3 que 38% das participantes se autodeclararam pardas, o que entra em conflito com a afirmação de Silva e Moraes (2021, p. 70) que observaram que o maior padrão “ao longo dos quatro anos de acompanhamento dos grupos de mulheres viajantes foi um padrão de mulher branca, urbana e ocidental”. Nesta pesquisa que elaboramos, apesar de o número maior ser de mulheres pardas é um número bem próximo das viajantes que se autodeclararam brancas (31%), seguidas das que se autodeclararam pretas (23%), o que podemos associar ao fato de que as mulheres pretas não possuem as mesmas oportunidades que mulheres de outras raças possuem.

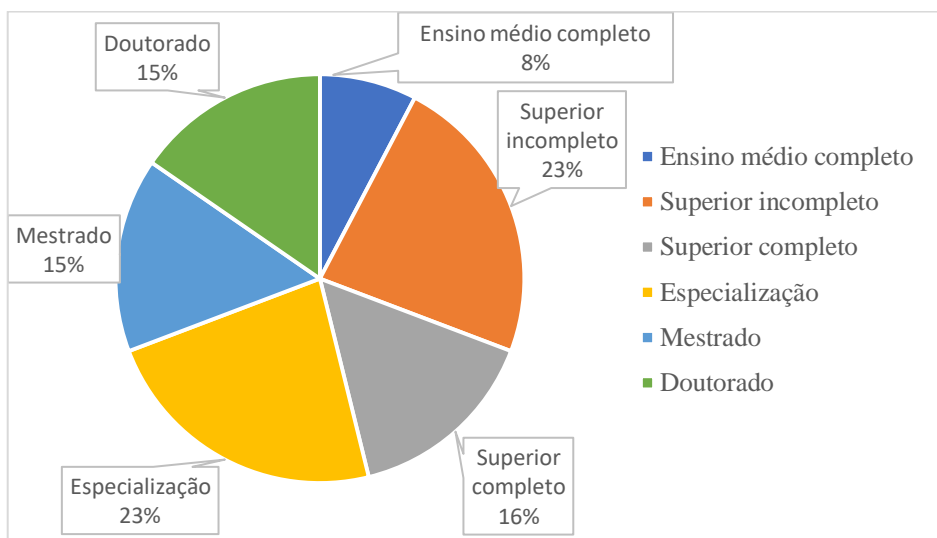
Gráfico 3 – Autodeclaração Racial



Fonte: GOMES, Pérola. 2022

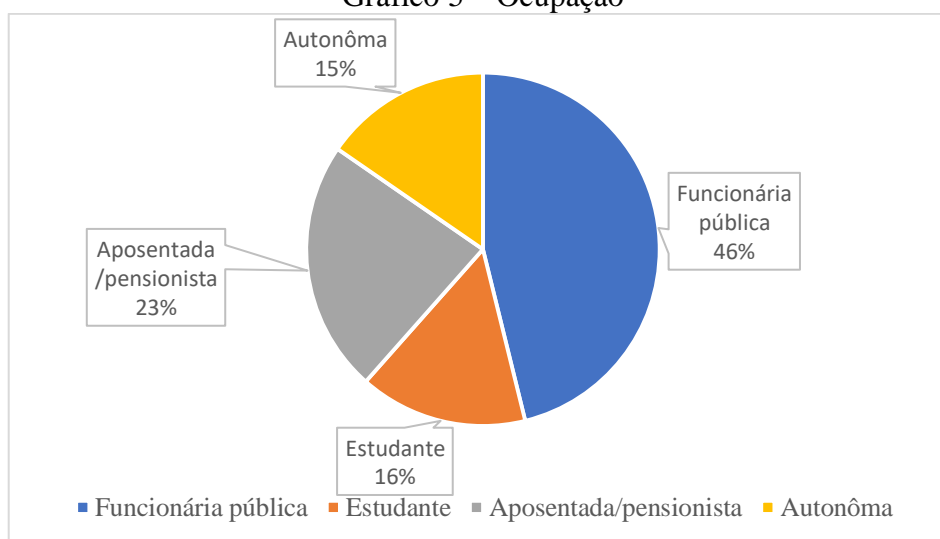
Quanto ao grau de escolaridade (Gráfico 4), ocupação (Gráfico 5) e renda (Gráfico 6) das respondentes, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 4 – Grau de Escolaridade



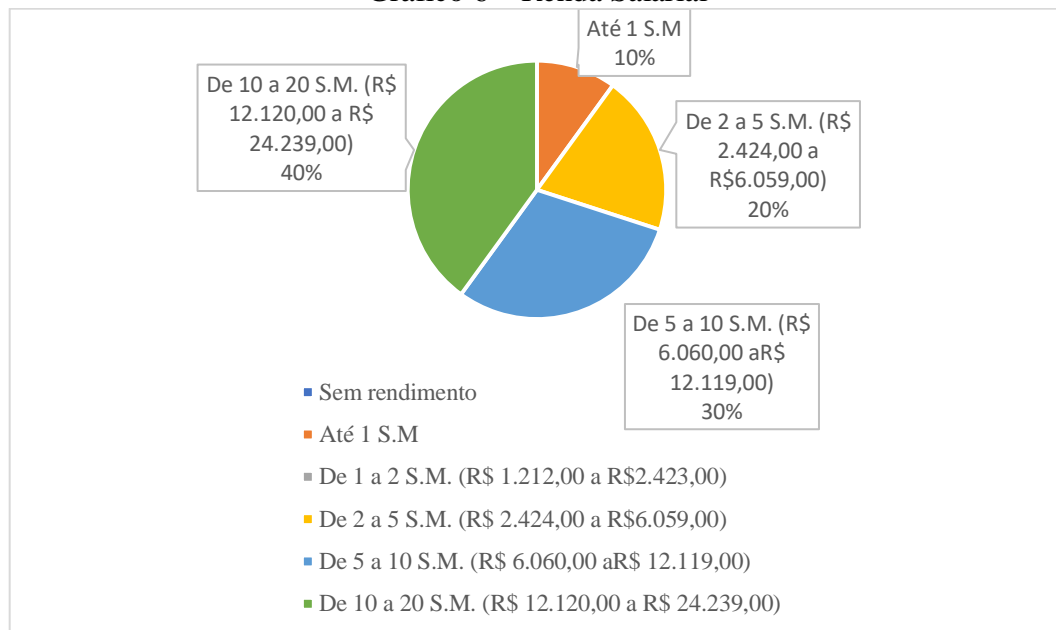
Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Gráfico 5 – Ocupação



Fonte: GOMES, Pérola. 2022

Gráfico 6 – Renda Salarial



Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Como observamos no Gráfico 4 acima sobre grau de escolaridade, percebemos que apenas 8% das respondentes têm ensino médio. É notável o nível de instrução das mulheres que viajam em grupos de mulheres, sendo que 79 % têm pelo menos o superior completo. Deste total, 23% das viajantes possuem especialização, 15% possuem mestrado e 15% possuem doutorado. Esses dados estão diretamente relacionados com os postos de trabalho que ocupam e a elevação da sua remuneração. 46% delas são funcionárias públicas, seguidas de aposentadas/pensionistas (23%), autônomas (15%) e estudantes (16%). A faixa de renda destas mulheres é bastante expressiva, pois 40% das respondentes afirmaram ganhar entre 10 e 20 salários mínimos, representando em média R\$12.120,00 a R\$24.239,00, e, apenas, 10% delas ganham até 1 salário mínimo, o que não as impede de viajar em grupos de mulheres, e é preciso destacar este aspecto. Estes dados apontam para o fato de que a maior parte das mulheres que conseguem viajar têm um rendimento salarial maior, e estão em posições mais vantajosas na estrutura socioeconômica da realidade brasileira.

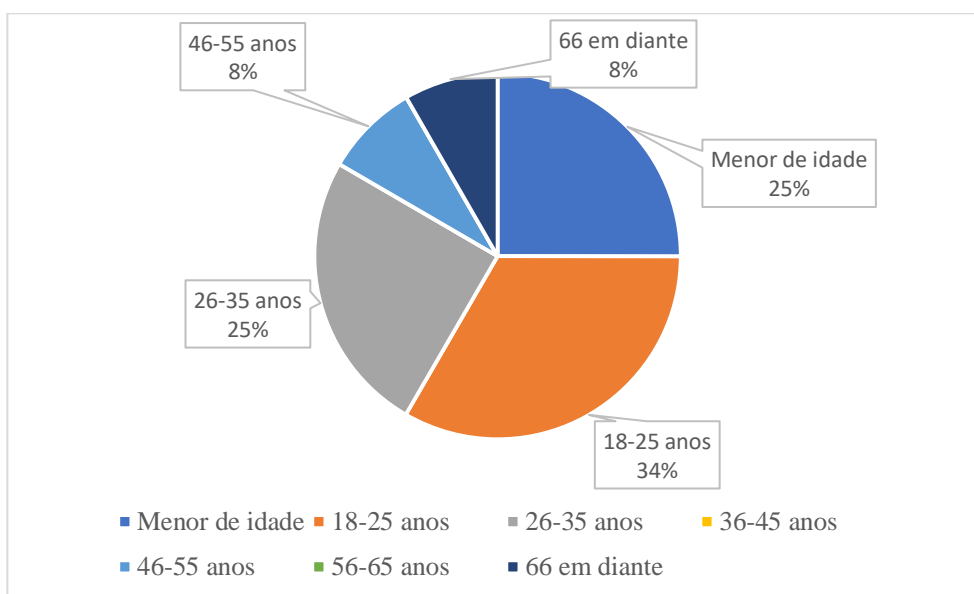
Em relações aos filhos, 54% delas afirmaram que possuem filhos e a faixa etária deles varia. 30% destas mulheres com filhos, os possui ainda na condição de menores de idade; outras 30% têm filhos adultos jovens, de 18 a 25 anos; e as outras 40%, possuem filhos de 26 a 35 anos.

O perfil sociodemográfico das participantes em alguns pontos converge com os dados trazidos por Silva e Moraes (2021, p. 67) que acreditam que “os estereótipos de mulheres

viajantes mais comuns são: jovens, brancas, magras, solteiras e sem filhos. Esse padrão se associa à liberdade, muitas vezes excluindo mulheres que não o seguem”.

A partir deste momento, serão trazidas informações sobre como as mulheres percebem as viagens realizadas em grupos de mulheres. Segundo o Gráfico 7, a primeira viagem que as respondentes fizeram em grupos de mulheres foi cedo. 34% viajaram entre os 18 e os 25 anos; 25% viajaram na condição de menores de idade; seguido de 25% representando a faixa etária dos 26 aos 35 anos; 8% começou a fazer viagens em grupos de mulheres entre os 46 e 55 anos e outras 8% partir dos 66 anos em diante. Não houve nenhum registro para a faixa etária de 56 a 65 anos. Com isso, é possível afirmar que, para a maior parte das respondentes, viajar em grupos de mulheres não foi um desafio ou experiência tardia.

Gráfico 7 – Idade da Primeira Viagem em Grupo



Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Ao serem perguntadas qual o critério de escolhas das viagens em grupo, essas foram algumas das respostas das entrevistadas que mais nos chamaram à atenção:

“Companheirismo, cumplicidade, intimidade e confiança.”

“Por amizade e companheirismo. Compartilhar ideias e experiências.”

“Conhecer novas pessoas, fazer amigas e ter companhia nas viagens.”

Com esses relatos, é notório perceber a importância do companheirismo entre as mulheres, a importância que a companhia/amizade de outra mulher pode mudar o rumo de uma viagem, uma vez que isso pode facilmente se transformar em uma rede de apoio e de trocas,

inclusive no planejamento da viagem. Isso também está em consonância com um conceito atual: sororidade, ou seja, a união entre as mulheres baseada em empatia e companheirismo na busca por objetivos comuns.

46,2% das respondentes participam de comunidades virtuais que visam trocar informações e relatos sobre viagens especializadas no público feminino. Além desses grupos, elas buscam também informações em outras fontes como o *Instagram* e *blogs*, mas também houve resposta que informava sobre a importância da “indicação de pessoas conhecidas, fontes da Internet: *sites* de hospedagem, redes sociais e agências de turismo.”

Ao serem perguntadas se a viagem em grupo foi escolhida por vontade própria ou se foi uma sugestão/exigência de familiares/amigos(as), 100% das respondentes disseram que foi por escolha própria, evidenciando o nível de emancipação e autonomia destas mulheres. Uma das entrevistadas explica a razão pela escolha da viagem em grupo, da seguinte maneira: “Escolha minha. Viajar com amigos, torna a viagem mais agradável.”

Ao serem perguntadas qual a viagem em grupo se tornou a mais marcante e o porquê, elas puderam deixar seus relatos. Seguem alguns deles:

“Viajei com uma amiga, juntas. Foi marcante porque me senti livre e independente.”

“Foi a minha primeira vez para o litoral piauiense. Conhecer a praia era um sonho e as amigas da minha irmã foram muito companheiras. Durante a viagem ouvi muitas histórias, algumas engraçadas, outras tristes, regadas a muitas gargalhadas.”

“Fomos para um show em Salvador. Foi marcante pelos momentos que todas estavam passando, e estávamos em sintonia.”

Quando perguntadas sobre o que costumam levar em consideração na hora de escolher os destinos, algumas respostas são esclarecedoras inclusive de aspectos que preocupam as mulheres viajantes.

“Lugares cheios, pontos turísticos que tenham segurança.”

“Destino que ainda não se conhece.”

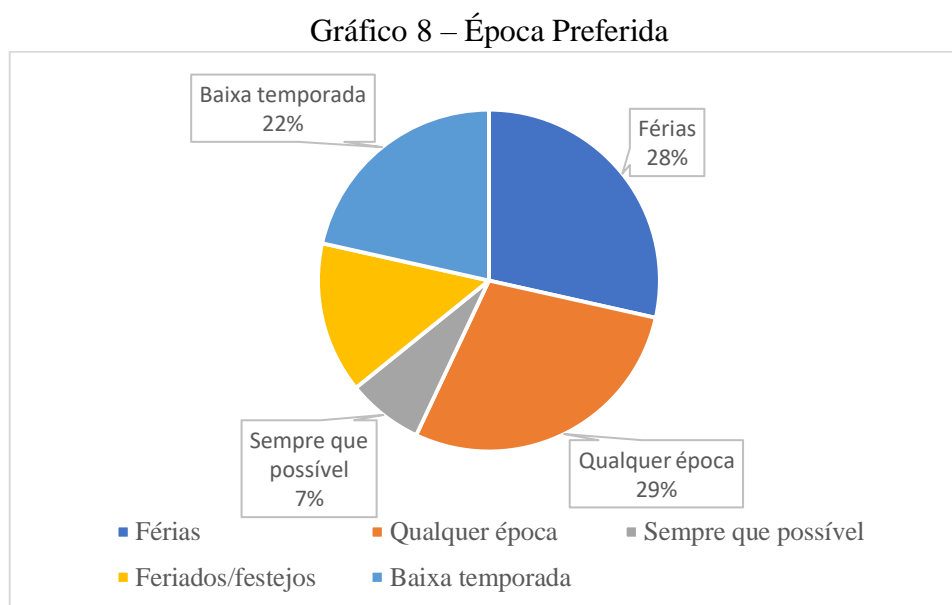
“Paisagens, cultura...”

“Segurança para mulheres e os atrativos.”

Por mais de uma vez, foi citada a questão da segurança no local e da segurança para com as mulheres, o que não causa estranhamento, uma vez que é sabido sobre os muitos

preconceitos e importunações que a mulher ainda vivencia, especialmente se estão sozinhas ou em grupos de mulheres. Isso também se soma aos grandes índices de violência contra a mulher existentes em todo o território nacional.

Quando, foram indagadas sobre a época do ano preferida para as viagens, obtivemos os seguintes dados:



Fonte: GOMES, Pérola. 2022.

Os dados trazidos no Gráfico 8 apontam que 29% das mulheres que viajam em grupo viajam em qualquer época do ano, 28% viajam nas férias, 22% viajam na baixa temporada e 7% delas viajam sempre que possível. Assim, observamos que as respondentes parecem não se preocupar com a época da viagem, pois a maior parte delas pode viajar em qualquer época ou sempre que aparecer a oportunidade.

Ao serem questionadas sobre a duração média das viagens, elas responderam que duram em média de 2 a 7 dias, algumas delas podendo se estender para 10 a 15 dias, sendo preferível os finais de semana para a realização dessas viagens. Logo em seguida, foram perguntadas sobre quais os meios de hospedagem que costumam ser escolhidos e os motivos para esta escolha. Os hotéis e *hostels* foram as respostas mais mencionadas, mas também foi citado casas de amigos, Airbnb e pousadas. Seguem abaixo alguns relatos sobre os tipos de meios de hospedagem escolhidos.

“Pousada, hotel. Algo com privacidade.”

“Hotel, mais seguro.”

“Hotel. Segurança e conforto.”

“Hotel. Por segurança.”

Mais de uma vez, percebemos a importância das mulheres se sentirem seguras e associarem a segurança ao hotel, fato que pode ser observado na fala de Marzuki et al. (2012) que focaram os seus estudos no que as mulheres procuram na hotelaria. Durante a investigação, verificaram que algo que é tido em consideração é a segurança – gostam que o espaço onde estão tenha segurança 24 horas por dia, dando resposta a um dos maiores problemas para as mulheres quando viajam, o medo (CARR, 2000; WILSON & LITTLE, 2008 apud SANTOS, 2017, p. 21).

Sobre os tipos de viagens que as mulheres preferem fazer em grupo, os dados apontam que os mais citados foram: aventura 38,46%; eventos 30,77%; e também citaram o cultural e o gastronômico.

“Eventos, nesses [eventos] aprendemos muito e trocamos muitas experiências.”

“Viajar por aventura é muito bom, mas viajar para eventos foi muito valioso na minha vida profissional e pessoal também.”

“Aventura, ecoturismo. Acompanhada é bem melhor.”

“Eventos, porque é mais interessante ter companhia em eventos.”

Ao perguntarmos se as mulheres gostariam de fazer viagens sozinhas, foi citado intercâmbio, viagens para eventos e viagens para aventura. A seguir, segue o desejo de algumas das entrevistadas.

“Lugares recônditos, com contexto histórico, contato com a natureza.”

“Índia. Acredito que iria adorar visitar todos os templos budistas.”

“São Paulo.”

Ao serem questionadas sobre a pandemia da Covid-19 e se com isso trouxeram novos comportamentos e cuidados no ato de viajar, três respondentes informaram que não, mas as outras afirmaram que sim e relataram:

“Sim. Se higiene já era um item primordial em hospedagem e alimentação, agora aumentaram minhas exigências.”

“Sim. Procurar lugares mais seguros em termos de biossegurança, principalmente meios de hospedagem.”

“Não viajei neste período mas, estando em grupo, é fundamental que todos estejam vacinados.”

“Sim. Seguir a risca os protocolos recomendados pelas autoridades sanitárias.”

Indagamos, ainda, se as mulheres já deixaram de viajar para algum estado/país por não ser considerado seguro para mulheres, e se sim, qual(is) lugar(es) e o que gerou essa insegurança. 84,62% dessas mulheres não deixaram de viajar por não achar um local seguro, as outras 15,38% citaram a cidade do Rio de Janeiro.

“Rio de Janeiro, Brasil. Pela violência”.

Elas foram perguntadas sobre quais as dificuldades mais comuns que as mulheres percebem quando viajam em grupos de mulheres. Algumas dificuldades citadas foram o medo do assédio, a questão dos horários. Assim como foi citado por Santos (2017, p. 107), “as principais dificuldades identificadas nas viagens são a solidão, o assédio, o receio por ser mulher, andar sozinha à noite ou ser assaltada.”

“Acho que a segurança ao se deslocar, por exemplo, à noite, numa cidade.”

“Assédio... falta de segurança em estar em determinados lugares.”

“Diferenças econômicas. Às vezes você quer fazer coisas que para outras é muito oneroso... aí ou você faz sozinha ou não vai...”

“Conciliar os passeios com o gosto de cada uma.”

“Às divisões das coisas. Na maioria das vezes nos deparamos com pessoas fora dos padrões.”

Por fim, pedimos para que as participantes compartilhassem dicas para outras mulheres viajantes sobre como evitar assédio e importunações durante as viagens. Seguem algumas dicas dadas por elas que são necessárias.

“Sempre buscar guias cadastrados, alugar carros de locadoras conhecidas. Antes de escolher o hotel procurar saber como é o bairro que está localizado, modo de como irá se locomover durante toda a viagem, procurar não abandonar o grupo para sair com pessoas desconhecidas.”

“Estar em grupo, não tomar bebida que esteve fora do alcance dos seus olhos.”

“Sair sempre em grupo, evitar locais afastados e com pouco movimento.”

“Buscar muita informação sobre os lugares que vão visitar, ver transportes acessíveis e dependendo não ir só.”

Dessa forma, percebemos que para as mulheres entrevistadas a viagem em grupo tem uma série de vantagens e que juntas elas se sentem mais fortes e podem ajudar uma as outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que não é possível pensar a retomada do turismo no pós-Covid 19 sem levarmos em considerações as muitas mudanças ocorridas nesse tempo de pandemia. Dessa forma, essa pesquisa buscou apresentar um perfil de como as mulheres pensam e agem quando a escolha é viajar e, em especial, viajar em grupo.

Assim, na análise do perfil sociodemográfico de comunidades de mulheres viajantes no *Facebook*, observamos que as mulheres que viajam em grupo se encontram em uma faixa etária que abrange as mais diversas idades: desde as menores de 18 anos até as de 65 anos e com estados civis que também variam, mas as mulheres solteiras são predominantes e divorciadas que, na maior parte delas, se autodeclararam pardas e brancas e que possuem alto grau de escolaridade. E, no geral, essas mulheres são funcionárias públicas, aposentadas ou pensionistas com renda salarial superior a cinco salários mínimos. Destacamos também que são mulheres-mães, mas no geral, com filhos maiores de 18 anos. Assim, quanto ao perfil sociodemográfico, as mulheres que viajam em grupo são principalmente, mulheres que prezam pela sua liberdade e autonomia, indo ao encontro do que dizem Silva e Moraes (2021).

Tanto é que a primeira viagem aconteceu cedo para muitas, sendo menores de idade ou adultas jovens. São mulheres decididas, capazes de fazerem suas próprias escolhas. Assim, quando relatam o porquê de viajarem em grupo, justificam com segurança de quem conhece, ou seja, elas afirmam que fazem essa escolha por se sentirem mais confiantes, mais fortes e mais seguras, pois juntas compartilham intimidade, amizade, ideias, experiências, reforçando o sentimento de sororidade.

Percebemos, quanto ao comportamento destas mulheres no planejamento das suas viagens, que os destinos são escolhidos por meio de buscas em grupos na internet e em outras fontes virtuais, além de buscarem informações com pessoas conhecidas e em agências de viagens.

Essas mulheres que viajam em grupo demonstram saber o que querem, uma vez que em grupo elas podem pensar e repensar os planos de viagem. São viagens com duração variável, podendo ser de apenas um fim de semana a vários dias, pois em sua maioria, são mulheres que podem viajar em qualquer época do ano. Mas preferem como forma de hospedagem os hotéis, por questões como: segurança, conforto e privacidade, apesar de conhecerem e parte delas escolher também outras formas de meio de hospedagem, tais como: pousada, casa de amigos, *Airbnb*, etc.

O grupo pesquisado é composto por mulheres que fazem viagens de diversos tipos: desde as viagens para participarem de eventos até as viagens gastronômicas, passando pelas de aventuras e pelas culturais. Mas, para pensarmos a retomada do turismo no contexto de saída da pandemia, é preciso levarmos em consideração os protocolos de biossegurança principalmente nos meios de hospedagem, pois os cuidados com os locais e com a alimentação agora passam a ser vistos de forma mais criteriosa.

Por fim, vale lembrar que há entre as mulheres que viajam, o medo, a insegurança e as dificuldades de lidarem ainda com questões como: assédio, importunação, desconfianças, medo de alguns lugares, preocupação com horários etc.

Dessa forma, esta pesquisa pôde contribuir para compreender mais como se dá o planejamento de viagens realizadas por mulheres, bem como, aponta no caso do planejamento turístico, para a busca por soluções futuras e articuladas com a gestão pública, perpassando pela segurança pública; e no caso da classe empresarial, pela sensibilização nos atrativos e equipamentos turísticos.

REFERÊNCIAS

ACADÊMICA PESQUISA. **O que é pesquisa qualitativa?** 2021, s.p

<https://www.academicapesquisa.com.br/post/o-que-%C3%A9-pesquisa-qualitativa>. Acessado em 15 de janeiro de 2023.

ALUNO EXPERT. **Conheça tudo sobre Pesquisa Exploratória Descritiva.** 2020, s.p.

<https://alunoexpert.com.br/pesquisa-exploratoria-descritiva/#:~:text=Pesquisa%20quantitativa%3A%20A%20pesquisa%20explorat%C3%B3ria,a%20natureza%20do%20segmento%20demogr%C3%A1fico>. Acessado em 15 de janeiro de 2023.

CISNE, Mirla; GURGEL, Telma. Feminismo, Estado e política públicas: desafios em tempos neoliberais para a autonomia das mulheres. **SER Social**, Brasília, v.10, nº 22, p. 69-96, jan./jun, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Impactos da pandemia no setor de turismo. **Jornal da USP**. 03/07/2020. <https://jornal.usp.br/artigos/impactos-da-pandemia-no-setor-de-turismo/> acessado em 14 de agosto de 2022.

DICIONÁRIO *ONLINE* DE PORTUGUÊS <https://www.dicio.com.br/viagem/> acessado em 20 de julho de 2022.

GURGEL, Telma Feminismo e Luta de Classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Fazendo Gênero 9**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010.

INSTITUTO BUTANTAN. **Como surgiu o novo coronavírus?** Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. 2020, s.p <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem> acessado em 13 de agosto de 2022.

SANTOS, Adriana Gomes dos. **Solo travel e o jornalismo feminino**: Proposta de uma secção de viagens para as viajantes independentes. 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo) - Faculdade de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, Universidade de Aveiro, Portugal, 2017.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico prático. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 38, n. 2, p. 339-342, Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442015000200339&lng=en&nrm=iso . Acesso em 23 de jul. 2022.

SOUZA, Caroline Oliveira de. **Mulheres Viajantes**: A sororidade no Turismo Impulsionada pelas Redes Sociais. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Geografia, Turismo e Humanidades, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2021.

SUMMIT SAÚDE BRASIL, 2021, s.p <https://summitsaude.estadao.com.br/novos-medicos/variantes-da-covid-19-como-elas-sao-nomeadas/#newsletter> acessado em 14 de agosto de 2022.

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher**. 1992, p. 83-92. Texto publicado pela primeira vez em *Femist Issues* 1, n 2 (inverno 1981).